

UM QUOTIDIANO ARISTOCRÁTICO.
D. AUGUSTA VITÓRIA DE HOHENZOLLERN-SIGMARINGEN (1890-1966), MULHER DE D. MANUEL II, REI DE PORTUGAL

An aristocratic quotidian.
D. Augusta Victory of Hohenzollern-Sigmaringen (1890-1966), woman
of D. Manuel II, king of Portugal

Paulo Drumond Braga ^(*)

Resumo

Este artigo pretende, com base sobretudo em fontes diversas, perceber alguns aspetos do quotidiano da princesa alemã Augusta Vitória de Hohenzollern-Sigmaringen (1890-1966), mulher de D. Manuel II (1889-1932), o último soberano reinante de Portugal, durante o seu casamento (1913-1932). Procurar-se-á apreender formas de sociabilidade, viagens e gostos.

Palavras-chave: D. Augusta Vitória de Hohenzollern-Sigmaringen, D. Manuel II, Portugal. Sociabilidades.

Abstract

This article aims to enlight some aspects of the daily life of the German princess Augusta Victoria of Hohenzollern-Sigmaringen (1890-1966), wife of Manuel II (1889-1932), the last king of Portugal, during their marriage (1913-1932). It will be sought to apprehend forms of sociability, intereseests and likes.

Key-words: Augusta Vitória of Hohenzollern-Sigmaringen. D. Manuel II, Portugal. Sociabilities.

DADOS BIOGRÁFICOS INICIAIS

Auguste Viktoria Wilhelmine Antonie Mathilde Ludovika Josephine Maria Elisabeth (Potsdam, 19 de agosto de 1890 – Münchhöf, 29 de agosto de 1966) era filha de Guilherme Augusto (1864-1927), príncipe de Hohenzollern-Sigmarigen, e de sua primeira mulher, Maria Teresa de Bourbon-Duas Sicílias (1867-1909). Teve dois irmãos gémeos, Frederico (1891-1965) – que herdou do pai a chefia da casa – e Francisco José (1891-1964). Nas veias corria-lhe sangue português, já que era neta paterna de D. Maria Antónia, filha de D. Maria II e de D. Fernando II, a qual desposara, em 1861, Leopoldo de Hohenzollern Sigmaringen. Por via materna, era bisneta de Fernando II, penúltimo rei das Duas Sicílias.

(*) Doutor em História dos Descobrimentos e da Expansão pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Mestre em História da Idade Média (1992) pela mesma universidade. Trabalha na Cátedra Infante D. Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização (CIDH) / Cátedra Convidada FCT / Universidade Aberta (Portugal). E-mail: drumondbraga@hotmail.com.

A 4 de setembro de 1913, *Mimi*, como era conhecida familiarmente, desposou, na igreja de Sigmaríngem, seu primo D. Manuel II, rei deposto de Portugal. Três meses depois, o casal estabeleceu-se em Fulwell Park, uma propriedade em Twickenham, nos arredores de Londres, que o monarca adquiriu (PROENÇA, 2006: 144-153; SÁINZ DE MEDRANO, 2012: 71-115). Nunca tiveram filhos, provavelmente devido a uma eventual esterilidade de Augusta Vitória (BRAGA, 2014: 225).

D. Manuel II morreu a 2 de julho de 1932, vítima de um edema na glote. Os seus despojos foram, por decisão do governo português – chefiado desde há poucos dias por Oliveira Salazar – trazidos para Lisboa, jazendo em São Vicente de Fora (BRAGA, 2014: 220-229). Em carta ao ditador, datada de Versailles, de 3 de janeiro de 1933, *Mimi* aludiu à “dor atroz que me delacerou o coração”, classificando como “alívio” o “regresso de el-rei à Pátria que ele tanto amou e tão bem serviu. E este extraordinário e commovedor regresso, este acolhimento pungente de todo o país – quanto o devemos ao Dr. Salazar!” (Lisboa, A.N.T.T., A.O.S., C.P., 283). Mais tarde, ainda em Versailles, a 8 de junho de 1935, agradeceu ao ditador oferta do primeiro volume dos *Discursos e Notas Políticas*, assim como a referência nele feita a D. Manuel II: “Faço ardentes votos pela sua saúde e para que Deus permita que por longos anos continue a presidir aos destinos da nossa Pátria” (Lisboa, A.N.T.T., A.O.S., C.P., 283).

Depois de viúva, Augusta Vitória decidiu deixar Fulweel Park, regressando à Alemanha. Em julho de 1934, tomou de renda uma das propriedades da família, em Umkirch (Baden Württemberg). Não tinha quaisquer problemas a nível financeiro, não só porque fora uma das herdeiras do pai, mas também porque D. Manuel II lhe deixara todos os bens que tinha fora de Portugal, incluindo as contas bancárias, assim como o usufruto de tudo o que possuía no país onde nascera e reinara (SÁINZ DE MEDRANO, 2012: 218-228).

A 23 de abril de 1939, *Mimi* casou, no palácio de Langenstein (Sachsen Anhalt), com um divorciado e pai de quatro filhos, que no dia seguinte completava 59 anos de idade, o conde Charles Robert Douglas, de nacionalidade alemã e sueca e de confissão luterana. Aparentemente, amaram-se bastante e foram muito felizes, mas o enlace desagradou profundamente aos monárquicos portugueses e a rainha D. Amélia cortou relações com a ex-nora (SÁINZ DE MEDRANO, 2012: 229-232).

A reconciliação ocorreu dias antes da morte da velha rainha (SÁINZ DE MEDRANO, 2012: 236). Quando a mesma foi sepultada em Portugal, em outubro de 1951, Augusta Vitória agradeceu o gesto a Salazar, que classificou como “grande

obreiro da concórdia nacional”, por telegrama de 29 de novembro: “Só graças ao seu génio construtivo el rei D. Manuel meu querido esposo e a grande rainha minha saudosa sogra podem repousar ao lado de nossos antepassados na tão boa e leal terra portuguesa” (Lisboa, A.N.T.T., A.O.S., C.P., 283).

Mimi enviuvou uma segunda vez a 26 de agosto de 1955, aos 65 anos de idade. No dia imediato, Salazar enviou-lhe carta de pêsames, que foi agradecida por telegrama de 1 de setembro (Lisboa, A.N.T.T., A.O.S., C.P., 283). A condessa mudou-se para uma casa em Münchhöf (Baden Württemberg), fronteira a um castelo que seu segundo marido lhe oferecera, e foi participando em diversos eventos da realeza europeia, nomeadamente os 900 anos da dinastia de Hohenzollern (1961). Teve ainda o desgosto de assistir às mortes dos irmãos, Francisco (1964) e Frederico (1965) (SÁINZ DE MEDRANO, 2012: 237-238).

Morreu aos 76 anos, em Münchhöf, no dia 29 de agosto de 1966. Um dos seus sobrinhos, o príncipe Frederico, chefe da casa de Hohenzollern-Sigmaringen, telegrafou imediatamente a Salazar (Lisboa, A.N.T.T., A.O.S., C.P., 227). Elena Lupescu, viúva do rei Carlos II da Roménia, que vivia no Estoril, escreveu por sua vez ao ditador português: “Augusta Victoria est morte subitement d’ un arrêt de coeur, elle à été enterrée à Langenstein le 3 septembre auprès du comte Douglas. C’étati son désir ainsi que cel de ses beaux-fils Douglas qui l’aimaient beaucoup”. A mesma acrescentou ainda: “Souffrait beaucoup des deux jambés, d’ailleurs da dernière fois que je l’ai vue, elle s’en plaignant”. E deixava uma curiosa nota: “Combien je regrette que je n’ai pas pue la convaincre de venir au Portugal qu’au fond de son coeur elle l’aimé tant”, acrescentando que *Mimi* usava frequentemente a palavra portuguesa “saudades” (Lisboa, A.N.T.T., A.O.S., C.P., 283).

Augusta Vitória assinara testamento em Basileia, a 11 de setembro de 1962, declarando herdeiro da maior parte dos seus bens o príncipe Alberto, neto do irmão Frederico, que veio a receber as propriedades de Umkirch e Münchhöf, as obras de arte, os objetos pessoais – entre os quais os documentos que agora nos foi possível estudar – e o dinheiro, tendo-se posteriormente desfeito de grande parte desse património (SÁINZ DE MEDRANO, 2012: 238-239). Quanto aos bens que tinha em Portugal, *Mimi* estipulou a criação da Fundação D. Manuel II. 70% dos rendimentos líquidos da mesma serviriam para o sustento do duque de Bragança, D. Duarte Nuno, e seus sucessores na chefia da casa real portuguesa, destinando-se os restantes 30% a fins caritativos. O presidente da administração seria nomeado pelo duque de Bragança e receberia pelo

menos 10% dos rendimentos brutos da fundação. Contudo, houve alguns obstáculos ao cumprimento dos desejos de *Mimi*, sobretudo da parte do ministro da Saúde e Assistência, Henrique Martins de Carvalho. Por outro lado, uma aventureira que dizia chamar-se Maria Pia e ser filha bastarda de D. Carlos, invocou de novo a sua condição de alegada única herdeira legítima de D. Manuel II, fazendo avolumar os entraves. Mas, a 16 de agosto de 1968 – a poucos dias do afastamento de Salazar do poder – o decreto-lei n.º 48531 acabou por estabelecer a Fundação D. Manuel II, destinando, contudo, a D. Duarte Nuno e a seus sucessores na chefia da casa de Bragança apenas 50% dos rendimentos anuais líquidos dos bens da mesma e não 70%, como *Mimi* desejara (BRAGA, 2017: 203-204).

AUGUSTA VITÓRIA E D. MANUEL II: o quotidiano e as viagens

Augusta Vitória esteve, como se referiu, casada com D. Manuel II durante quase 19 anos, de setembro de 1913 a julho de 1932. Como igualmente também já foi escrito, viveram, a partir de dezembro de 1913, em Fulwell Park. A viúva só deixou definitivamente a propriedade em dezembro de 1933.

O dia-a-dia o casal era passado na tranquilidade da pequena localidade dos arredores de Londres. Tratavam do jardim, ouviam missa na igreja paroquial de Saint James, participavam em outros atos diversos da comunidade, recebiam portugueses e ingleses e deslocavam-se com frequência a Londres, sendo por vezes convidados dos reis Jorge V e Maria de Teck, não faltando ainda às celebérrimas corridas de cavalo de Ascot. Cerimónias da casa real britânica, como as exéquias da rainha Alexandra, viúva de Eduardo VII, em 1925, contaram naturalmente com a presença do casal. D. Manuel II ocupava muitas horas diárias a trabalhar nos seus *Livros Antigos Portugueses* e procurava não faltar aos torneiros de ténis de Wimbledon (PROENÇA, 2006: 153-156; SÁINZ DE MEDRANO, 2012: 109-115, *passim*).

O rei e sua mulher viajavam bastante, passando, por exemplo, temporadas em Versailles, com D. Amélia, e em Sigmaringen, com a família de Augusta Vitória. Era ainda muito frequente o casal deslocar-se a cidades francesas (Cannes, Nice, Paris e Vichy) e italianas (Nápoles, Palermo e Roma) (SÁINZ DE MEDRANO, 2012: 155-179). Muitas destas viagens prendiam-se com uma procura de climas melhores do que o de Twickenham. D. Manuel II sofria bastante de problemas respiratórios e procurava alívio em termas e locais ensolarados (BRAGA, 2014: 225). Cidades como Cannes e

Nice correspondiam também a gostos da aristocracia europeia de então, numa época em que o turismo como hoje o entendemos dava os primeiros passos (PORTER, 1995; LÖFGREN, 1999; RAUCH, 2001; BORSAY, 2006; BATTILANI, 2001; BERRINO, 2011; BOYD, 2017).

Mas outras viagens prendiam-se com eventos da realeza europeia, como foi o caso do casamento do futuro rei Humberto II de Itália (1930). Momentos menos alegres, como a morte da avó materna de *Mimi*, a condessa de Trani, em 1925, e, dois anos depois, do pai da rainha titular de Portugal, impunham igualmente deslocações (SÁINZ DE MEDRANO, 2012: 175-176, 187-188 e 197-198).

A Biblioteca Nacional de Portugal conserva hoje alguns documentos que pertenceram a Augusta Vitória e que permitem lançar alguma luz sobre as suas formas de sociabilidade, os seus gostos e as suas viagens durante as quase duas décadas em que esteve casada com D. Manuel II. Refiro-me a dois livros de endereços (Lisboa, B.N.P., códigos 13298 e 13300) e a um outro de registo dos visitantes de Fulwell Park e de vários locais por onde *Mimi* passou (Lisboa, B.N.P., código 13301). Estas peças foram adquiridas pela Biblioteca Nacional em 1992, num leilão de vários objetos do derradeiro rei de Portugal e de sua mulher alienados pelo herdeiro desta última.

Os livros de endereços não se acham datados, como é natural, e as informações iam sendo lançadas em inglês, francês, alemão e português, dependendo dos contextos. É, contudo, interessante anotar que por vezes indicações que deveriam surgir em português achavam-se em francês. Embora tivesse aprendido o idioma do país natal de seu primeiro marido, primeiro com a avó paterna, D. Maria Antónia (SÁINZ DE MEDRANO, 2012: 87), depois com o próprio D. Manuel II (FERRO, 1954: 151), estava longe de escrever e expressar-se com facilidade. António Ferro, que a entrevistou em 1932, notou-lhe um “português tímido, compassado” (FERRO, 1954: 141-142). Entretanto, falava um francês perfeito (SÁINZ DE MEDRANO, 2012: 157), o que não é para admirar numa época em que na Europa se usava o idioma de Molière como forma de comunicação entre cabeças coroadas, outros aristocratas, diplomatas e pessoas cultas em geral (STRIEN-CHARDONNEAU, ESCALLE, 2017). Entretanto, as duas décadas passadas no Reino Unido fizeram-na conhecedora da língua inglesa se é que não a tinha aprendido anteriormente.

Pelos mesmos livros de endereços pode observar-se que Augusta Vitória contactava com elementos vários da realeza europeia, como os reis de Saxe, Frederico Augusto III, e da Roménia, Carlos II, o príncipe alemão Augusto Guilherme, filho do

imperador deposto Guilherme II, a princesa inglesa Vitória, irmã de Jorge V, o duque de Orléans, Filipe, irmão da rainha D. Amélia, vários príncipes da Grécia residentes em Roma e a infanta espanhola Luísa. Ou seja, nota-se algum peso dos príncipes alemães. Aliás, de origem germânica eram os próprios reis da Grécia e o da Roménia. Este último era inclusivamente parente próximo de *Mimi*.

A morada completa e o número de telefone da rainha D. Amélia surgem num dos livros, o que não é de estranhar. Outros parentes próximos de *Mimi* mereceram registo, por exemplo, os dois irmãos, identificados pelo nomes pelos quais eram conhecidos em família – *Friedel*, ou seja, Frederico, e *Joschi*, isto é, Francisco – , a princesa Luísa de Thurn e Taxis, viúva de seu tio-avô Fernando, uma outra tia, a princesa Maria Carolina das Duas Sicílias, que era casada com um conde polaco e, provavelmente, a madrasta, Aldegundes da Baviera, identificada como “Mamã”. O telefone da casa paterna era indispensável: “Schloss Sigmaringen. Tel. 345”.

Lugar ainda neste universo de contactos para vários aristocratas portugueses – o 9.º marquês de Abrantes, o 4.º conde das Alcáçovas, o 9.º visconde da Asseca, assim como a 4.ª duquesa de Palmela e a marquesa de Lavradio – , alemães – entre os quais o seu futuro segundo marido – , ingleses – por exemplo a duquesa de Portland, Winnifred Cavendish-Bentick, mulher do 6.º titular da referida casa, e uma empenhada defensora dos direitos dos animais – e franceses – nomeadamente vários da família dos condes de Harcourt. Os meios em que se moviam cabeças coroadas e outros aristocratas eram basicamente os mesmos.

Pelos mais diversos motivos, outros portugueses também surgem na lista, como os médicos D. António de Lencastre – antigo facultativo da casa real portuguesa – e Ricardo Jorge, o lugar tenente de D. Manuel II, João de Azevedo Coutinho, o administrador dos bens do rei em Portugal, Fernandes de Oliveira, e ainda Carneiro Pacheco, mais tarde figura de grande relevo nos primeiros tempos do Estado Novo, que entretanto se tornara muito próximo do rei deposto.

Em termos religiosos, *Mimi* – sobre cuja devoção católica pouco se sabe, mas que talvez não tenha sido muito forte, atendendo a que, durante o segundo casamento, pendeu para o luteranismo de seu marido – registou endereços de John O’Brien, um sacerdote católico residente em Londres, que era confessor de D. Manuel II e provavelmente seu também; do cardeal Francis Bourne, arcebispo de Westminster; de um colégio feminino londrino, o Sacred Heart; da superiora da Congregação de S. José de Cluny, em Paris; e do geral dos Jesuítas, morador em Roma.

A respeito de muitas outras individualidades fica sem se saber de quem se trataria. São os casos de uma Miss Ellen Coleman, residente no bairro londrino de Chelsea; de uma Fraulein Franziska Kolb e de uma Maria Braun, ambas domiciliadas em Munique; e ainda de uma Signora Angela Balestra, moradora em San Remo.

Augusta Vitória preocupou-se ainda em ter endereços e/ ou telefones de pessoas ou entidades que disponibilizavam serviços de saúde: Lord Bertrand Dawson, presidente do colégio de médicos de Inglaterra e médico pessoal do rei Jorge V, que D. Manuel II consultou dias antes de morrer; uma “Chirurgische Privat Klinik” e um médico, de nome Hans Killian, ambos em Friburgo; uma “daily visiting nurse” com morada em Richmond; uma massagista residente em Harrogate; e ainda um laboratório farmacêutico parisiense, Biolactyf, localizado no Boulevard de l’ Hopital. Para além das razões óbvias para possuir estes registos, haveria ainda da parte de *Mimi* a esperança de vir a ser mãe, recorrendo, por isso, a especialistas ou pseudo-especialistas na matéria? Convém não esquecer que D. Manuel II aparentemente nunca se conformou com a esterilidade do casamento (BRAGA, 2014: 224-225). É possível que o mesmo se passasse com Augusta Vitória. Muitas fotografias tornadas públicas recentemente mostram uma grande ternura do rei e de sua mulher, em momentos de lazer, com crianças de duas famílias aristocráticas portuguesas, Palmela e Asseca (NOBRE, 2015: 105-108). Indícios de pesar pela esterilidade do casal?

Sem surpresa, *Mimi* registou cabeleireiros de Nice e de Roma e duas costureiras em Paris, uma no número 50 da Avenue des Champs Elysées e uma outra no número 374 da Rue de Saint Honoré. Em Cannes, interessou-a uma Madame León Billion, especialista no arranjo de meias de seda. De novo em Paris, surge a loja Ideal Sport Tricot Marcelle, com duas moradas, uma na Avenue Niel e outra na Rue Tournay. Devia tratar-se de local para aquisição de peças de vestuário desportivo, por exemplo, destinado ao ténis que, sabe-se, era praticado pelo casal (MONTEIRO, 2012: 49; NOBRE, 2015) e interessava muitos aristocratas de então (VIGARELLO, 1995; BORSAY, 2006).

Encontram-se igualmente em ambos livros de endereços de Augusta Vitória os dados de um banco em Munique, sito na Theatinenstrasse, n.º 11. Tratava-se do Bayerische Hypoteken-und Wechsel-Bank, que funcionou de 1835 a 1998. Seria local de depósitos de dinheiro e outras aplicações financeiras da mulher de D. Manuel II?

Mimi registou ainda um antiquário em Paris, na Rua de Tournon e um outro em Versailles, assim como uma casa de couros em Londres, sem indicação do nome, apenas

da morada (53, Great Queenstreet), e, na mesma cidade, no número 66 de Margaret Street, uma especializada em “french pleaters”. Anotou ainda a famosa loja londrina de mobiliários Maple & Company, situada em Tottenham Court Road, que teve muito sucesso nas eras vitoriana e eduardina. Na capital do Reino Unido, mereceram igualmente o seu interesse duas casas que vendiam plantas, uma “mimosas” e outra “rhododendrons and rare shrubs”. Já em Potsdam, interessava-a um criador de orquídeas. É, de facto, conhecido o seu gosto pela jardinagem, partilhado com D. Manuel II (PROENÇA, 2006: 154). Lugar ainda para uma madame Audin, que em Londres dava “leçons de chant”. Terá Augusta Vitória chegado a ter aulas? Cantaria? Nada de concreto chegou até nós a esse respeito.

Em dois casos *Mimi* guardou dentro dos livros de endereços documentação relativa a estabelecimentos comerciais. Um deles, um desdobrável de Craig Velvet Blotting, casa londrina que fornecia artigos de papelaria em Londres. Outro, um cartão da loja parisiense Margonti Frères (antiga Maison Pinteaux), na Rue de Turbigo, fabricante de *necessaires* de viagem, marroquinaria, chaparia e “services de toilette”. No verso, fica-se com a informação que Augusta Vitória inquiriu sobre os preços de três peças: uma “boite poudre” (110 francos), uma “boite crème” (90 francos) e um “tube à brosses” (110 francos).

No âmbito das suas frequentes deslocações, *Mimi* não dispensava os contactos de uma agência que, em Estrasburgo e Basileia, prestava “transports internationaux”. Registou ainda nos seus dois livros de endereços hotéis localizados em várias cidades alemãs (Basileia, Dusseldorf, Estugarda, Heidelberg, Karlsruhe, Mannheim). É possível que se tratasse não propriamente de locais para se alojar mas de hotéis onde poderiam ser ocasionalmente localizados algumas pessoas das suas relações. Num dos livros, lançou a seguinte entrada: “Adresse Manuel Vichy Comte d’Ourem Hotel Radio Vichy”. Ou seja, numa ou em várias das passagens do marido – que em viagem recorria frequentemente ao referido título nobiliárquico, um dos muitos privativos da casa real portuguesa – pela referida estância francesa, por motivos de saúde (BRAGA, 2014: 225), Augusta Vitória não o acompanhou mas ter-lhe-á escrito ou pelo menos terá pensado em fazê-lo.

Não sendo propriamente uma mulher muito culta, ao contrário do marido, *Mimi* tinha consigo as moradas da editora londrina de D. Manuel II, a Maggs Bros, e de uma livraria de Tours, a Georges Berg, no número 2 da Avenue Jean Portalis. Também inscreveu o número de telefone da eficiente secretária do monarca, Miss Margery

Withers, que, a partir de 1924, tão útil foi no moroso trabalho espelhado nos três volumes dos *Livros Antigos Portugueses* (PROENÇA, 2006: 215). Aliás, convém não escamotear um aspeto: foi graças à sua viúva que a obra magna de D. Manuel II ficou concluída, já que se a mesma se empenhou na conclusão e saída do respetivo volume III (PROENÇA, 2006: 240-241).

Mimi guardava, como já se referiu, dentro dos livros de endereços, papéis soltos. Já se fez referência a um desdobrável e a um cartão de lojas. Um outro exemplo: um papel quadriculado dobrado com a inscrição: “Retratos para Maria Lavradio de *moi et* Manuel”. Dois comentários se oferecem: primeiro, o hábito que havia na época de possuir fotografias autografadas de entes queridos. Segundo, a confusão total em termos linguísticos.

Além destes dois livros de endereços, a Biblioteca Nacional de Portugal possui ainda um *visitors' book* que pertenceu a Augusta Vitória. Adquirido a W. Lockood & Co., Lt., empresa de artigos de papelaria e gráfica sediada na New Bond Street, de Londres, é uma peça encadernada a azul e ostenta na capa a inscrição “Sua Majestade a Rainha”, encimada pela coroa real portuguesa (Lisboa, B.N.P., cod. 13301). A primeira entrada data de outubro de 1926 e a derradeira de novembro de 1933.

Além de registar numerosos visitantes daquela que de 1913 a 1933 foi a residência permanente de *Mimi*, o livro acompanhava-a nas suas viagens pela Europa, havendo nomes lançados em Sigmaringen, na casa paterna, assim como no Hotel Excelsior (Nápoles), no Grand Hotel (Cannes) e no Gran Hotel des Palmes (Palermo), entre outros. Existem ainda nomes inseridos em passagens por Paris e Roma, mas onde não se identificou o local de alojamento. Sabe-se, contudo, que, na cidade luz, era costume o casal ficar no Hotel Ritz (SÁINZ DE MEDRANO, 2012: 175).

Percorrendo as páginas deste *visitors' book*, notam-se algumas presenças muito constantes junto de Augusta Vitória, quer em Fulwell Park quer em viagem: os já referidos O' Brien e a marquesa de Lavradio, assim como D. Caetano de Lencastre e D. Sebastião de Lencastre. Quer em casa quer em viagem, *Mimi* recebia representantes de reis, rainhas e príncipes da Dinamarca, da Espanha, da Grécia, da Itália, da Roménia e da Suécia. Figuras da realeza visitavam-na nas suas viagens, como foram os casos do príncipe Paulo da Jugoslávia e sua mulher, do príncipe Pedro do Montenegro e de Henrique, conde de Paris. Também embaixadores e ministros da Espanha, Itália, Polónia, Reino Unido e Suíça lhe apresentavam cumprimentos. Finalmente, acolhia diversos aristocratas portugueses, alemães, ingleses, franceses e italianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos livros de endereços e pelo de visitantes que pertenceram a Augusta Vitória, apercebemo-nos da rede de contactos do casal, onde avultavam, sem surpresa, cabeças coroadas e outras figuras aristocráticas, com relevo para monárquicos portugueses e príncipes germânicos. Deparamo-nos ainda com algumas das viagens feitas ao longo dos anos pelo casal. Estão igualmente patentes nos registos cuidados de diversos tipos com a alma e com o corpo – sendo lícito colocar a hipótese de que *Mimi* não desistira de engravidar – , assim como com o embelezamento da casa. Também se confirma que a mulher de D. Manuel II era igualmente dada a passatempos como o ténis e a jardinagem e que acaso terá pensado em aprender a cantar.

E assim se fica a conhecer um pouco mais a respeito da algo enigmática Augusta Vitória, quase sempre apresentada como melancólica, de aparência frágil e delicada – até porque é essa imagem que transparece das representações formais – , se bem que um conjunto de fotografias captadas em ambientes informais, tornado público em 2015, tenha revelado um lado que se ignorava e onde se podem ver momentos de alegria, ternura e espontaneidade (NOBRE, 2015).

Quando a decidiu desposar, D. Manuel II classificou-a, em carta a D. Amélia, como “bonita, muito fina e elegante, conversando muito bem e muito agradável; tem muito bonita figura” (DURÃES, 2012: 242). Em 1932, António Ferro referiu-se-lhe como uma “Hohenzollern pura no desenho do rosto, verdadeira princesinha austríaca na cor da epiderme, dos cabelos, na luz dos seus olhos” (FERRO, 1954: 141). Menos simpático foi o 6.º marquês de Lavradio: “Confesso que a nossa futura rainha não me entusiasmou. Não era bonita e estava mal vestida, – isto é, sem elegância; saída havia pouco tempo do colégio, não sabia dizer duas coisas seguidas, o que, aliás, não era fácil para quem não conhecia ninguém. El-rei, porém, estava encantadíssimo com ela; era ele quem casava e a nós só interessava que ela desse um herdeiro ao trono. Infelizmente, nem para isso serviu!” (LAVRADIO, 1993: 232).

A esterilidade, assim como o segundo e polémico casamento, fizeram-na mal vista por uma boa parte dos monárquicos portugueses. Se bem que, em 1932, quando enviuvou de D. Manuel II, tenha confessado a António Ferro a sua vontade de conhecer Portugal – “não tanto por ser Portugal, mas por ser o país dele, o país das ‘saudades’ dele” (FERRO, 1954: 145) – a verdade é que nunca o fez. Não aproveitou as

oportunidades que o Estado Novo foi sucessivamente dando a pessoas da família de Bragança – recorde-se a emotiva vinda de D. Amélia em 1945 (MONTEIRO, 2006: 237-241; DURÃES, 2012: 303-307; RIBEIRO, 2013: 314-317) – assim como não o fez quando, a partir de 1950, com a revogação das leis do banimento de 1834 e 1910, tal passou a ser legalmente possível a todos os parentes dos antigos reis de Portugal (BRAGA, 2017: 173-178). Morreu longe, na sua Alemanha natal, num mundo que afinal nunca deixara de ser o seu, onde viveu por junto cerca de 50 dos seus 76 anos de vida, mas não deixando de legar parte do seu património a uma fundação que homenageia D. Manuel II.

REFERÊNCIAS

Fontes manuscritas:

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Arquivo Oliveira Salazar (A.O.S.), Correspondência Particular (C.P.), 227 e 283.

Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal (B.N.P.), códices 13298, 13300 e 13301.

Fontes impressas:

Cartas do Rei D. Manuel II e da Rainha D. Augusta Victória para a sua Secretária Miss Margery Withers, [Lisboa], Fundação da Casa de Bragança, 1997.

FERRO, António. *D. Manuel II, o Desventurado*. Lisboa: Bertrand, 1954.

LAVRADIO, 6.º marquês de. *Memórias do 6.º Marquês de Lavradio*. 2.ª edição. Lisboa: Ática, 1993.

MONTEIRO, Fernando Amado. *D. Manuel II e D. Amélia. Cartas Inéditas do Exílio*. Lisboa: Estampa, 2012.

Estudos

BATTILANI, Patrizia. *Vacanze di Pochi, Vacanze di Tutti. L' Evoluzione del Turismo Europeo*. Bolonha: Il Mulino, 2001.

BERRINO, Annunziata. *Storia del Turismo in Italia*. Bolonha: Il Mulino, 2011.

BORSAY, Peter. *A History of Leisure. The British Experience since 1500*. Basinstoke: Palgrave Macmillan, 2006.

BOYD, Julia. *Travellers in the Third Reich. The Rise of Fascism through the Eyes of Everyday People*. Londres: Elliott and Thompson, 2017.

BRAGA, Paulo Drummond. *À Cabeceira do Rei. Doenças e Causas de Morte dos Reis dos Soberanos Portugueses entre os Séculos XII e XX*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2014.

BRAGA, Paulo Drumond. *Nas Teias de Salazar. D. Duarte Nuno de Bragança (1907-1976) entre a Esperança e a Desilusão*. Lisboa: Objectiva, 2017.

DURÃES, Margarida. *A Rainha Mal-Amada. Amélia de Orleães*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2012.

LÖFGREN, Orvar. *On Holiday. A History of Vacationing*. Berkeley: University of California Press, 1999.

MONTEIRO, Fernando Amaro. *Salazar e a Rainha. Advento da República. Restauração da Monarquia?*. Lisboa: Prefácio, 2006.

NOBRE, Eduardo. A família real e a aristocracia nas imagens dos álbuns de Ana Maria Holstein Beck. Sorrisos em tempo de lágrimas, in Inês Morais Viegas, Marta Gomes (dir.), *Ana Maria Holstein Beck. Fotografia Privada. 1912-1958*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2015, p. 99-113.

PORTER, Roy. Les anglais et les loisirs, in Alain Corbin (dir.), *L'Avènement des Loisirs. 1850-1960*. Paris: Flammarion, 1995, p. 21-54.

PROENÇA, Maria Cândida. *D. Manuel II*. Lisboa: Círculo de Leitores, Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2006.

RAUCH, André. *Vacances en France de 1830 à nos jours*. Paris: Hachette, 2001.

RIBEIRO, José Alberto. *Rainha D. Amélia. Uma Biografia*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2013.

SÁINZ DE MEDRANO, Ricardo Mateus. *D. Manuel II, o Último Rei de Portugal. A Vida Desconhecida no Exílio*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2012.

STRIEN-CHARDONNUEAU, Madeleine e ESCALLE, Marie.-Christine Kok. *French as Language of Intimacy in the Modern Age / Le français, langue de l'intime à l'époque moderne et contemporaine*. Amsterdão: Amsterdam University Press).

VIGARELLO, George. Le Temps du Sport, in Alain Corbin (dir.), *L'Avènement des Loisirs. 1850-1960*. Paris: Flammarion, 1995, pp. 193-221.

(Recebido em dezembro de 2017; aceito em dezembro de 2017)